

BETAR & ARTES & LETRAS

#131 | JUNHO | 2021

Tudo o que quero

mulheres artistas portuguesas
de 1900 a 2020, na Gulbenkian

B
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Edifício Reinaldo dos Santos

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Finalmente os espetáculos culturais estão praticamente a 100%. Em junho já há de tudo um pouco. Na dança, Jérôme Bel apresenta “The Show Must Go On”, na Culturgest; e nas artes temos a mostra “Tudo o que eu quero – Artistas Portuguesas de 1900 a 2020”, na Gulbenkian, que expõe obras de 40 artistas portuguesas de referência. Ao palco do São Luiz sobe a peça “Cenas da Vida Conjugal”, onde Rita Calçada Bastos explora a dicotomia entre aquilo que é a realidade e aquilo que mostramos ser a realidade. Quanto aos concertos deste mês, o Casino Estoril propõe uma espécie de viagem pelo mundo dos musicais da Broadway; no Tivoli, Katia Guerreiro revisita os momentos mais importantes da sua carreira; o festival Santa Casa Portugal ao Vivo segue com vários artistas, até ao final do mês, em Lisboa e no Porto; e nas 12 salas da capital que compõem a rede Circuito haverá vários eventos de música ao vivo, para todos os gostos. No que respeita a cinema, o Arquiteturas Film Festival está de regresso, desta vez com o foco na cinematografia de Angola. Serão exibidos 36 filmes de mais de uma dezena de países diferentes. A entrevista desta edição é com o arquiteto Miguel Câncio Martins que nos fala das suas muitas paragens por esse mundo fora.

Maria do Carmo Vieira

edítor convidado

BETAR

Este edifício, em cujo projeto a BETAR esteve envolvida, pertence à Faculdade de Medicina de Lisboa e destina-se ao ensino e investigação científica e laboratorial



edifício caracteriza-se por ser um volume único, formado por dois corpos deslizantes, unidos por um corredor interior. É composto por um piso enterrado, destinado a estacionamento, um piso à cota do exterior, 4 pisos elevados e cobertura.

As fachadas principais Norte e Sul seguem alinhamentos longitudinais curvos definindo duas concavidades opostas com ponto de inflexão no centro do edifício. São integralmente porticadas em betão armado, com pilares recuados e projetam-se em consola para além das empenas Nascente e Poente, formando lâminas com a altura total do edifício. Os pórticos são definidos pelos pilares das fachadas nos seus apoios de extremidade e por dois alinhamentos de pilares interiores. O travamento horizontal do edifício é garantido por dois núcleos de escadas e elevadores, formados por paredes transversais de betão armado.

Edifício Reynaldo dos Santos, Lisboa

Projeto: 2008

Obra: 2019

Área Bruta de Construção:
7.500m²

Dono de Obra: Câmara
Municipal de Faro

Arquitetura: Gonçalo
Byrne Arquitectos
e BB Arquitectos

Especialidades:
Fundações e Estruturas

À CONVERSA COM

Arq. Miguel Câncio Martins

“A inspiração não se encomenda, vem da observação das coisas, de ouvir os outros, das viagens, das lições, das más experiências e do disco duro que está na minha cabeça, com a acumulação de informação que fui juntando.”

ARQ. MIGUEL CÂNCIO MARTINS

Nasceu em Lisboa, licenciou-se em Bruxelas, iniciou a vida profissional em Paris. Fale-nos um pouco do seu percurso.

Tenho um percurso menos convencional mas que me deu muita experiência e satisfação. Nasci e vivi em Lisboa até aos 15 anos, estudei na escola alemã, fui para Paris sem falar francês, fui para Bruxelas estudar arquitetura e voltei para Paris para começar a minha vida profissional. E foi aí que tudo começou ao contrário. Estávamos em plena crise económica e não consegui nenhum estágio num gabinete de arquitetura. Tive a sorte de abrir um bar, com uns amigos, decorado por mim, e depois começaram os convites para fazer bares, restaurantes e discotecas pelo mundo fora. Tinha pouca experiência de escritório mas lá comecei a desenhar os novos projetos em casa, na cozinha. Depois precisei de ajuda e comecei a pedir a amigos para virem dar uma mão. De repente já dirigia 12 pessoas. Tive que aprender por mim mas tive muita sorte em trabalhar com artesãos extraordinários. Foi nas obras que aprendi mais. Quando comecei a fazer alguns projetos em Portugal, e vendo tantas oportunidades e potencial, decidi voltar e, em 2016, abri o meu escritório. Para realizar o projeto dos meus sonhos, o hotel Quinta da Comporta, tinha que estar cá. Recebo muitos projetos em Portugal, através dos meus contactos lá fora.

Em 2005, fez-se sócio do seu pai, também arquiteto. O que mais retirou dessa experiência?

O meu pai, arquiteto de formação,

seguiu outros caminhos não ligados à arquitetura. Em 2005 voltou à sua atividade inicial, juntamente comigo. Foi uma satisfação poder trabalhar com o meu pai e partilhar a mesma paixão. Foi enriquecedor aproveitar a sua experiência. Sem julgamentos, deu-me serenidade no tratamento dos projetos.

Quais as vantagens em ser um cidadão de uma Europa onde é fácil trabalhar, sem restrições?

Somos todos cidadãos do mundo e nós temos a sorte de pertencer a uma Europa extraordinária, com os seus pontos fortes e algumas falhas, mas com uma riqueza e variedade de culturas, com tantas oportunidades e facilidade de circular. Somos um exemplo, um modelo. Não somos perfeitos, há ainda muito para fazer. Quando vemos todas as restrições e interdições nos outros continentes, bem podemos estar contentes.

Por vezes tem 20 projetos ao mesmo tempo. Como se divide para conseguir coordenar tantos trabalhos em simultâneo?

Tive a sorte de ter propostas para fazer projetos pelo mundo fora e é como uma bola de neve. Para gerir vários projetos ao mesmo tempo tem que se ter muita paixão pelo trabalho, inspiração, estar bem rodeado de colaboradores que partilham a mesma paixão, observar e ouvir os outros e não contar o tempo. A inspiração não se encomenda, vem da observação das coisas mais variadas, e às vezes inesperadas, de ouvir os



Quinta da Comporta - Wellness Boutique Resort

outros, das viagens, das lições, das más experiências e do disco duro que está na minha cabeça, com a acumulação de informação que fui juntando desde criança. Inconscientemente, toda esta informação aparece no momento da criação e, com o tempo, vai amadurecendo até chegar ao resultado desejado.

Quais as principais diferenças entre os países, no que respeita a burocracias, exigências, regras...?

Ainda se verificam grandes diferenças entre países para tratar os mesmos assuntos. Devia haver mais comunicação e intercâmbio para melhorar a burocracia. O tempo é o factor mais vital na nossa vida e é triste quando a administração arrasta processos, quando não há esforço para encontrar soluções. Devia haver mais contacto entre os projetistas e as entidades decisoras e responsabilizar mais o promotor e os projetistas para desafogar as entidades públicas. Em Portugal tem que se entregar o projeto de arquitetura, esperar pela aprovação, para depois entregar o projeto de

especialidades, e só depois serem aprovados pelas entidades públicas. Todo este processo é muito lento. Em França o promotor é responsável e tem que contratar um organismo de controlo para os projetos de especialidades, que são entregues no final da obra. Esse organismo não assina se os projetos e a realização não estão conformes. Não são precisas equipas das entidades públicas submersas em análises de projetos e assim ganha-se tempo.

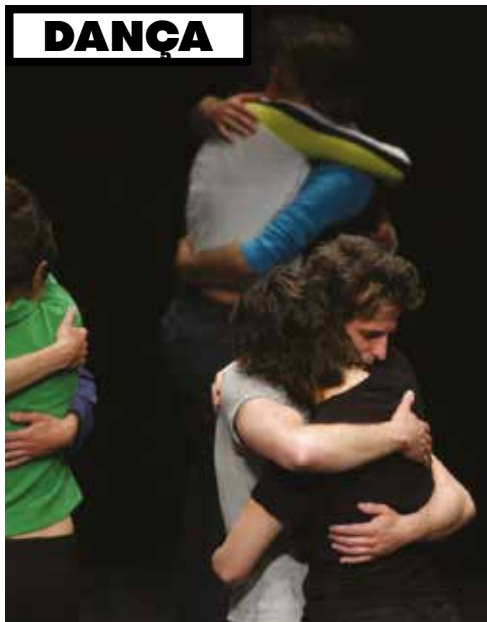
O que é que mais gosta de fazer e o que é que ainda não teve oportunidade?

Gosto muito de realizar espaços públicos pela liberdade que me dão. A complexidade de pensar como as pessoas vão viver o nosso trabalho, do impacto que temos na sociedade, da inovação constante, de questionar em permanência e da visibilidade que nos dá. Tudo isto estimula-me. O que mais gostava era de realizar um projeto de outra dimensão, como tratar da zona da Comporta, para participar na definição e na evolução desta região, que tanto gostava de preservar.

SUGESTÕES

Os profissionais e amantes da cultura começam, finalmente, a ter os espetáculos quase a 100%. Dança, teatro, concertos, festivais de cinema e exposições, há de tudo em junho! Delicie-se

DANÇA



The Show Must Go On – Jérôme Bel

No momento da sua estreia, há 20 anos, “The Show Must Go On” gerou polémica na audiência do Théâtre de la Ville, em Paris, entre críticos e fãs entusiastas. Com o passar do tempo, a simplicidade e o humor contagiante da peça tornaram-na um dos espetáculos mais bem-sucedidos da história da dança contemporânea. Jérôme Bel brinca com as convenções da dança, num registo minimalista, e apresenta os mecanismos do espetáculo, colocando em palco 20 intérpretes e 1 DJ, que vai passando hits das últimas décadas. **DE 16 A 19 DE JUNHO**

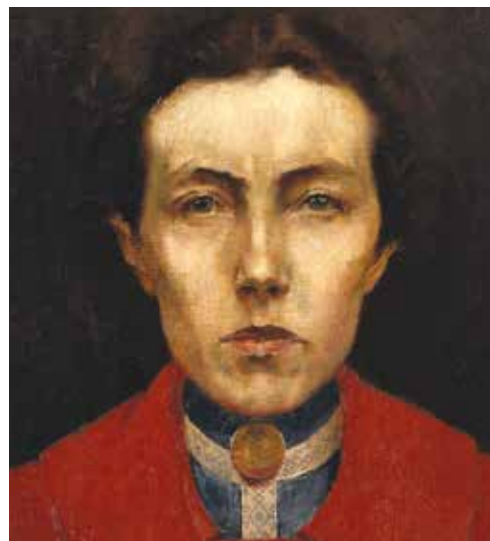
Culturgest, Lisboa

ARTES

Tudo o que eu quero

Esta é uma grande exposição que junta cerca de duas centenas de obras de 40 artistas portuguesas, desde o início do século XX. “Tudo o que eu quero – Artistas Portuguesas de 1900 a 2020” expõe obras de artistas de referência como Maria Helena Vieira da Silva, Lourdes Castro, Paula Rego, Ana Vieira, Salette Tavares, Helena Almeida, Joana Vasconcelos, Maria José Oliveira e Graça Kilomba, entre muitas outras. As obras, vindas de coleções públicas, particulares e também acervos de artistas, incluem pinturas, esculturas, desenhos, objetos, livros, instalações, filmes e vídeos.

DE 2 DE JUNHO A 23 DE AGOSTO



Fundação Calouste Gulbenkian

TEATRO



Cenas da Vida Conjugal

Nas palavras de Rita Calçada Bastos “ser, na sua totalidade, está cheio de coisas feias e magras, e isso nós habitualmente não mostramos, queremos mesmo esconder. Esconder de nós e sobretudo do outro, da sociedade”. Esta peça reflete sobre este tempo em que o que parece ser a realidade, a maior parte das vezes, não é. Não passa de uma lente, em que cada um tem a sua visão, a sua noção de verdade, a sua imagem do outro. No texto de Ingmar Bergman, a encenadora encontrou essa impossibilidade de ser total, essa dificuldade de suportar a realidade tal como ela deveria ser e essa crueldade da relação com o outro. A peça cria um diálogo entre Teatro – o que quer que se veja e o que quer esconder – e Cinema (a cargo de João Canijo) – o que aparenta ser real e o que não passa de uma projeção. **DE 22 DE JUNHO A 4 DE JULHO**

São Luiz Teatro Municipal
Encenação: Rita Calçada Bastos
Interpretação: Katrin Kaasa e Ivo Canelas

MÚSICA



Uma noite na Broadway

ENTRE 4 E 6 DE JUNHO NO CASINO ESTORIL

Este concerto revisita grandes êxitos da Broadway como “O Fantasma da Ópera”, “Música no Coração”, “Evita”, etc. Com André Henriques, Diogo Novo, Sara César e Jorge Baptista da Silva, e a participação especial de Anabela, Sissi Martins e Paula Sá, esta é uma viagem pelo mundo dos musicais narrada por Eládio Clímaco.

Katia Guerreiro – 20 anos de Fado

DIA 18 DE JUNHO NO TEATRO TIVOLI BBVA, LISBOA

Neste espetáculo, Katia Guerreiro recorda e comemora alguns dos momentos mais importantes da sua carreira. Com os músicos: Pedro de Castro e Luís Guerreiro (Guitarra Portuguesa), André Ramos e João Mário Veiga (Viola) e Francisco Gaspar (Viola Baixo), para além de alguns convidados ainda a anunciar.



Santa Casa Portugal ao Vivo

ATÉ 26 DE JUNHO, CAMPO PEQUENO, LISBOA, SUPER BOCK ARENA, PORTO

O Santa Casa Portugal ao Vivo resistiu e conta com: Herman José (dia 4 em Lisboa e dia 5 no Porto); Mundo Segundo e Sam the Kid (9 e 4); Anselmo Ralph (17 e 18); Pedro Abrunhosa (18 e 19); Casal da Treta (19 e 25); Carlão (dia 20 Lisboa); Ana Moura (20 e 25) e Santamaria (dia 26 Porto).



Circuito Lisboa

ATÉ 30 DE JUNHO EM VÁRIOS ESPAÇOS DE LISBOA

Para garantir a sobrevivência de alguns espaços, a Câmara Municipal de Lisboa criou um projeto que apoia as 12 salas que fazem parte da rede Circuito e vai ajudar um total de 480 profissionais da música. Em Junho há vários eventos de música ao vivo! Consulte o programa e as salas em Lisboa.circuito.live.



FESTIVAL

Arquiteturas Film Festival



Com o intuito de promover a arquitetura portuguesa contemporânea, a edição de 2021 do Arquiteturas Film Festival foca-se na cinematografia de Angola. Sob o mote Bodies Out of Space, serão exibidos documentários, ficções,

animações e filmes experimentais sobre o tema.

A programação inclui a estreia em sala de “Body-Buildings”, do português Henrique Pina, que cruza dança, arquitetura e cinema no olhar para “seis retratos coreográficos em seis locais portugueses distintos”. Tânia Carvalho, Vera Mantero, Olga Roriz, Paulo Ribeiro, Victor Hugo Pontes e Jonas & Lander cruzam a dança com a arquitetura de Álvaro Siza, Eduardo Souto Moura, Aires Mateus, João Luís Carrilho da Graça e João Mendes Ribeiro. Ao todo, são 36 filmes de mais de uma dezena de países diferentes. **DE 1 A 6 DE JUNHO**

VIAGENS

Numa altura em que viajar não tem passado muito de sonhos, abrimos o apetite para quando voltarmos à normalidade. Nesta edição, apresentamos a primeira parte de um roteiro pelo litoral brasileiro, escrito por Maria do Carmo Vieira

Nordeste Brasileiro Parte 1

Fãço parte do grupo dos privilegiados que pôde usufruir das belezas naturais do Nordeste Brasileiro numa época anterior ao turismo de massas. Sendo o meu pai funcionário da extinta Varig, desde jovem tive a oportunidade de fazer diversas viagens a várias cidades brasileiras, cada uma delas com um encanto próprio, particularmente devido à proximidade com o mar, ao colorido que as envolve, aos aromas que distinguimos no ar, à gastronomia tradicional, à cultura, à arquitetura, à musicalidade e boa disposição das suas gentes.

Nestes tempos de pandemia, o Brasil não é certamente o destino mais apetecível, não obstante, as impressões que deixo da minha passagem por terras de Vera Cruz evocam memórias muito aprazíveis.

Recife, no estado de Pernambuco, foi uma das primeiras cidades que conheci. Muitas vezes desfrutei da magnífica praia da Boa Viagem, das suas areias claras que se estendem até ao calçadão, ricas em coqueiros, e um mar de águas mornas e transparentes, protegido por uma barreira de recifes, que forma piscinas naturais na maré baixa e dá o nome à cidade. Recordo especialmente de, juntamente com o meu irmão, ficar fascinada com os pequeninos saguis que eram vendidos no calçadão e de,



após muita insistência, conseguirmos convencer os meus pais a trazer um para casa, a Roca, que durante treze anos foi a nossa selvagzinha de estimação. Outros tempos!

No centro da cidade, numa esplanada no exterior de um restaurante, tive o meu primeiro embate com a extrema pobreza, personificada por um moleque maltrapilho que por ali rondava, e nos pediu autorização para comer os restos que sobraram nos pratos. Foi também aqui, no centro da cidade do Recife, a única vez que o meu pai foi assaltado no Brasil, sorte diferente da de tantos outros turistas.

Não deve ser negligenciada uma visita à Casa da Cultura de Pernambuco, um dos maiores polos de venda de artesanato no Recife, instalada numa antiga penitenciária, e ao centro histórico de Olinda, classificada pela Unesco, em 1982, como Património Cultural da Humanidade.

Em Pernambuco, outras praias podem ser incluídas no cartão de visita do estado, designadamente, a famosa praia de Porto de Galinhas, por onde passei durante a minha lua-de-mel, e onde podemos conhecer as belezas naturais em passeios de buggy, ou de cavalo, e a deslumbrante Praia dos Carneiros, de areias brancas e mar translúcido, à qual acedemos por barco, após um trajecto feito a cavalo, a partir de uma fazenda.



Isso Nunca Vai Resultar Marc Randolph

No ano 2000, Marc Randolph e Reed Hastings, cofundadores da Netflix, atravessavam um dos piores momentos profissionais: a empresa de aluguer de DVD em que tinham investido todas as suas economias estava prestes a ruir. Foi então que, desesperados, propuseram a venda da empresa ao seu maior concorrente, a Blockbuster, por 50 milhões de dólares. A recusa foi peremptória. Hoje, a Netflix está avaliada em mais de 200 mil milhões de dólares e Blockbuster desapareceu. Mais do que uma crónica sobre uma das empresas mais emblemáticas do mundo, neste livro estão as respostas a algumas das perguntas fundamentais sobre “dar o salto”: Por onde começar? O que é realmente o sucesso? Uma história perspicaz sobre criatividade, sorte e perseverança.

Pão de Açúcar Afonso Reis Cabral

Um corpo é encontrado no poço de um prédio abandonado, no Porto, com marcas de agressões. A investigação conclui que a vítima, Gisberta, uma transexual brasileira, que se tinha refugiado naquela cave, tinha sido espancada, ao longo de vários dias, por 14 adolescentes, alguns dos quais com apenas doze anos. “Pão de Açúcar” é um romance vertiginoso sobre um caso verídico que abalou o país. Contado na primeira pessoa por um dos rapazes, Rafa, a obra é uma incursão nas vidas da vítima e dos seus agressores, numa combinação de factos e ficção, com personagens reais e imaginárias. O enredo baseia-se num paradoxo: como terão sido as últimas semanas de vida daquela mulher que, umas semanas antes dos acontecimentos, foi ajudada por aqueles que viriam a ser os seus homicidas?



Milkman Anna Burns

Milkman” é um romance profundamente original na escrita. Sem nunca ser citado o local onde se desenrola a ação, o leitor intui que nos encontramos em Belfast, por altura do conflito na Irlanda do Norte, conhecido como “The Troubles”.

A história é narrada por uma jovem de 18 anos, que se refere a ela própria como a Irmã do Meio, vítima de perseguição e assédio por parte de um paramilitar, designado como “the Milkman”. Um facto curioso, e inusitado, é que nunca é referido o nome das personagens. Somos apresentados a personagens designadas por Alguém McAlguém, o Terceiro Cunhado, as Irmãs Pequenas, etc..

A jovem tem noção que, naqueles tempos, ser interessante é perigoso, numa comunidade constituída por uma população católica minoritária, pouco instruída, atreita a tecer intrigas e espalhar boatos infundados, e tacitamente apoiante dos militantes da violência.

No início do livro a jovem esforça-se por esconder a sua relação com o Talvez Namorado, um mecânico residente num bairro rival, e em ocultar o encontro com o “the Milkman” durante uma das suas caminhadas a ler livros, um hábito que ameaçava torná-la “interessante” como tema dos mexericos.

A sucessão de eventos que decorrem a partir daqui, conduz a uma forte repressão de sentimentos e emoções por parte da jovem narradora, o que transparece das suas reflexões, resultando no progressivo isolamento das pessoas que lhe são próximas. Os rumores do seu envolvimento com o perseguidor paralisam-na, num misto de medo pelo assédio e ameaças de que estava a ser alvo, e de constrangimento pela dificuldade em manter-se invisível.



B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

EDIFÍCIO
REYNALDO DOS SANTOS

Edifício Reynaldo dos Santos